

AS SEMENTES DO TERRA VIVA

Como uma pequena casa noturna na Avenida Rio Branco deu gás às apresentações musicais em Vitória nos anos 80, abrindo espaço também para atrações nacionais



CEDOC AG/ARQUIVO



CEDOC AG/ARQUIVO

Músicos se apresentam no bar Terra Viva, que trouxe a Vitória nomes importantes da música popular brasileira nos anos 80; acima, a fachada, na Av. Rio Branco

Como muitos jovens dos anos 70, Lígia e Beto foram para o Rio de Janeiro em busca de novidades. Ela, para aprimorar uma vocação teatral incipiente. Ele, além do curso de Engenharia, tentava acompanhar todos os movimentos musicais, levou o violão e arriscou as primeiras composições. A efervescência cultural carioca os encantou.

No início da década de 80, eles voltam para Vitória, onde dão vida a um filho e um espaço cultural: o Terra Viva, numa pequena casa na Avenida Rio Branco. No início, apenas um lugar para produção e venda de alimentação natural, incluindo cursos sobre isso. Logo vieram exposições artísticas, palestras e música ao vivo. Intimista como a casa e o momento pediam, mas permitindo intercâmbios e novas formações. Noites dedicadas ao choro, ao samba ou ao jazz, muitas vezes misturados. Logo se formou um público cativo e amigo, fiel aos ídolos novos ou veteranos. Entre os grupos, o Corda e Chão, o Quarteto JB, o Scala

Vocal e o Ímã. As canções de Carlos Papel. Os novos talentos de Rosana Brito e Marcus Levy. A roda de samba com Raimundo Machado. Os mestres imortais Maurício de Oliveira e Pedro Caetano. Os performáticos Valtinho e Zé Lopes, grandes sucessos de público. Esses e muitos outros se apresentaram muitas vezes.

Importar estrelas de outras constelações para um espaço tão pequeno foi uma atitude corajosa, que teve a aceitação de gente como Fátima Guedes, Sérgio Souto e Moacyr Luz. Em 1988, para comemorar os cinco anos de música ao vivo, veio mais um projeto ousado, o Cinco Estrelas. Uma de cada vez, em apresentações solo, durante uma pequena temporada, de três ou quatro dias cada uma, contando histórias, relembando sucessos, lançando outros. E assim vieram Joyce, Cláudio Nucci, Lô Borges, Leila Pinheiro e Tunai.

Joyce fez lançamento nacional do seu disco em homenagem a Vinicius de Moraes. Cláudio apresentou novos trabalhos. Lô, acompanhado pelo irmão Marilton, mostrou como é agradável

ouvir o compositor interpretando suas obras. Leila surpreendeu quem não a conhecia como compositora e instrumentista, além de excelente cantora. Grandes momentos musicais em perfeita interação artista-público.

A cidade não permaneceu indiferente a toda essa energia. As rádios ampliaram o espaço destinado aos artistas do projeto, e a imprensa deu-lhes grande cobertura, com chamadas de primeira página e entrevistas de página inteira. Todas as cinco estrelas iniciais retornaram a Vitória, apresentando-se no Terra Viva ou em outros locais.

Hoje temos na Grande Vitória outras casas em que a boa música é a atração, cada uma com seu estilo e valor próprios. Novos trabalhos musicais, novas formações de grupos, a renovação é constante.

Daquela turma do Terra Viva, sabe-se que o Corda e Chão nunca mais se reuniu. O Quarteto JB fez um reencontro há algumas semanas, mas não se sabe quando isso acontecerá de novo, cada integrante tem outras atividades. Não estão mais entre nós: Dóris do Scala Vocal, Maurício de Oliveira, Pe-

dro Caetano e Valtinho. Rosana Brito foi morar em Juiz de Fora e faz um belo trabalho com o grupo Lúdica Música, que há tempos não se apresenta por aqui. Marcus Levy está mais longe, mora em Portugal e pode ser visto no Youtube, em trabalhos para a TV de lá. Carlos Papel permanece em atividade, com novos e bons discos e shows. O grupo Ímã, mesmo às vezes desfalcado do percussionista Dão, leva um público fiel às suas apresentações com Fábio e Edésio. Zé Lopes esteve um pouco afastado dos palcos por motivos pessoais, mas está retornando.

Lígia e Beto, hoje cada um em seu caminho, não se afastaram das artes. Ela é sócia proprietária de uma bela pousada e cerimonial em Manguiños, com aulas de yoga, meditação e relaxamento. Beto continua compondo suas canções e prepara um novo disco.

O espaço físico do Terra Viva não existe mais. Mas a sua safra de boa música permanece viva na colheita dos artistas que ali se apresentaram e no seu público. Uma parte da vida musical da ilha aconteceu ali.